

## A VIDA E A ARTE

**Eduardo Simonini Lopes**

*A vida é amiga da arte.*

*É a parte que o sol me ensinou.*

**Força Estranha - Caetano Veloso**

O professor Paulo Sgarbi, da Faculdade de Educação da UERJ, costuma salpicar suas aulas com várias histórias que funcionam como ferramentas ilustrativas para os textos teóricos discutidos em sala. Em uma dessas histórias, o referido professor contou a respeito de um passeio que fez com amigos a uma região montanhosa. Em determinado momento, um deles, encantado com a paisagem, exclamou: “que lindo! Parece uma pintura”! Terminada a história, todos nós, que assistíamos à aula, rimos do caso, achando graça no aparente absurdo de se considerar que é a natureza que se inspira em uma pintura e não o contrário. Todavia, tal história me remeteu às considerações que um escritor irlandês chamado Oscar Wilde realizou sobre a arte. Segundo ele, a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida. A vida seria um amálgama de intensidades que necessita da arte para fazer emergir um sentido, uma configuração. Wilde dizia, em 1891, que:

*A natureza não é uma grande mãe que nos pariu. Ela é nossa criação. É em nosso cérebro que ela se vitaliza. As coisas são porque as vemos, e o que vemos, e como vemos, depende das artes que tenham influído em nós. Olhar para algo é muito diferente do que ver algo. Nada se vê até que alguém veja sua beleza. Atualmente, as pessoas veem nevoeiros não porque os nevoeiros existam, mas porque poetas e pintores ensinaram a graciosidade de tais efeitos. Nevoeiros devem ter existido por séculos em Londres. Eu aposto que sim. Mas ninguém os viu e, portanto, nós nada sabemos sobre eles. Eles não existiam, até que a arte os inventou (Wilde, 2003: 1086 – tradução do autor).*



Da mesma forma que os nevoeiros londrinos não existiam antes de terem sido vistos por artistas que os tornaram significativos em suas obras, assim também as montanhas só são belas para alguém que as inventa enquanto tais, compondo um senso estético onde, até então, só havia uma paisagem indistinta de formações rochosas e vegetações. É nesse sentido que sustento, neste texto, uma proposta próxima à de Wilde,

onde considero que a arte não copia a vida, mas sim é, ela própria, um movimento inventivo de produção de vida e de criação de arranjos que fomentam novos sentidos de mundo. A arte, nesta orientação, não se restringiria a uma dinâmica mercadológica ou à propriedade de algum grupo sociocultural, mas sim à potência de fazer ver, de "fazer fazer", de fazer criar. Não existiria, portanto, um mundo pronto e acabado para ser visto por um monótono olhar. O mundo precisa ser produzido, manipulado, inventado a partir das ferramentas que as circunstâncias de vida oferecem a cada ponto do caminho.



Foi, por exemplo, o que fez a fotógrafa inglesa Zana Briski (2004), que, estando em Calcutá, na Índia, para fazer um trabalho fotográfico com prostitutas do bairro da Luz Vermelha, encantou-se pelas crianças que ali moravam (as quais estavam potencialmente condenadas à prostituição e à marginalidade). Briski decidiu ensinar às crianças algumas técnicas de fotografia e, deixando uma câmera nas mãos de cada uma, incentivou-as a fotografar as dinâmicas cotidianas do bairro. O resultado foi a produção de arte: a arte de inventar o cotidiano em imagens; a arte de inventar beleza onde antes só se via decadência; a arte de inventar outras

maneiras de enxergar, de olhar-se pelas lentes de uma câmera fotográfica e vislumbrar outros futuros que não apenas o da prostituição do corpo. As fotografias das crianças de Calcutá ganharam o mundo através de um belo livro (além da premiação com um Oscar) e ofereceram àqueles meninos e meninas a oportunidade de, a partir das imagens de suas próprias vidas, contarem para si próprias outras histórias que não apenas aquelas às quais estavam aparentemente condenadas. A arte se apresenta, assim, como a capacidade de inventar – e transformar – o que se vê, tornando-se cúmplice da vida e não apenas o seu espelho.

### **LEGENDA(S):**

Imagens retiradas do site oficial do documentário “Nascidos em Bordéis”.

### **REFERÊNCIAS:**

BRISKI, Zana – Nascidos em Bordéis (documentário). Focus Filmes, 85 min, 2004.

WILDE, Oscar – The complete works of Oscar Wilde. London: HarperCollins Publishers, 5a. ed., 2003.

### **sobre o(a) autor(a):**

Psicólogo, Professor do Depto. de Educação da Universidade Federal de Viçosa e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ.